JOSÉ GONÇALVES DE ALMEIDA JR.

CARTILHA HISTÓRICA DAS BEIJUZEIRAS DE AREIA BRANCA

TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO, MEMÓRIA, VIVÊNCIA E RESISTÊNCIA



beijuzeiras.indd 1 19/07/2026 23:25

JOSÉ GONÇALVES DE ALMEIDA JÚNIOR

Cartilha Histórica das Beijuzeiras de Areia Branca: Trabalho como Princípio Educativo – Vivência e Resistência

PRODUTO EDUCACIONAL

Programa de Pós-Graduação em Educacão Profissional e Tecnológica – PROFEPT

ORIENTADOR

Prof. Dr. Fabiano Brito dos Santos

Salvador – Ba

2026

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS DO IFBA, COM OS DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

A447c Almeida Júnior, José Gonçalves de

Cartilha histórica das beijuzeiras de Areia Branca: trabalho como princípio educativo – Vivência e Resistência/ José Gonçalves de Almeida Júnior; orientador Prof. Dr. Fabiano Brito dos Santos -- Salvador : IFBA, 2026.

48 p.

Produto Educacional (Mestrado Profissional) Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica- ProfEPT -- Instituto Federal da Bahia, 2026.

1. Trabalho como princípio educativo - Cartilha. 2. Beijuzeiras-História. 3.Areia Branca (Lauro de Freitas/BA). 4.Comunidades tradicionais. I. Santos, Fabiano Brito dos, orient. II. TÍTULO.

CDU (2.ed.)37.091.33



José Gonçalves de Almeida Júnior

É licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e possui MBA em Gestão Educacional pela UNIJORGE. É mestrando em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA), na linha de pesquisa voltada à Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos Formais e não Formais.

Professor efetivo de Sociologia das redes estadual da Bahia e municipal de Lauro de Freitas, atua na educação básica e desenvolve, desde 2018, o projeto "Redação: o que escrever?", voltado ao fortalecimento da leitura de mundo e da formação argumentativa de estudantes do Ensino Médio para o ENEM.

Possui experiência na gestão pública e educacional, tendo exercido funções na Secretaria Municipal de Educação, na Superintendência de Igualdade Racial e em outras áreas da administração pública de Lauro de Freitas, além de atuação em conselhos e políticas educacionais.

É fundador do Movimento de Apoio e Respeito à Vida (MARV), organização comunitária criada no bairro de Itinga, em Lauro de Freitas, com atuação em iniciativas educacionais voltadas à juventude e às populações em situação de vulnerabilidade social.

Seus interesses acadêmicos concentram-se na Sociologia da Educação, na Educação Profissional e Tecnológica, na relação entre trabalho e educação, nos saberes tradicionais e nas práticas educativas desenvolvidas em contextos comunitários e territoriais.

beijuzeiras.indd 4 19/07/2026 23:25

“UM ABRAÇO DADO DE BOM CORAÇÃO É MESMO QUE UMA BÊNÇÃO, UMA BENÇÃO, UMA BÊN-ÇÃO... ”



beijuzeiras.indd 3 19/07/2026 23:25

PREFÁCIO



Figura 1 – Coletivo Beijuzeiras de Areia Branca - Fonte: Acervo do Grupo Cultural Beijuzeiras de Areia Branca (2025)

A Cantiga que abre o presente trabalho foi entoada pelas Beijuzeiras de Areia Branca, puxada pela Mestra Beijuzeira Dona Detinha, durante a visita dos estudantes da turma 2025.1 do Mestrado ProfEPT à Aldeia Casa da Fonte.

Em momento posterior à atividade, Gildete Melo — historiadora pela UNEB, beijuzeira e intelectual orgânica da comunidade — explicou, por meio de uma gravação de áudio (autorizado o compartilhamento), que a cantiga possui forte relação com os sambas de caboclo presentes nos terreiros:

"Isso se canta muito nos terreiros. É um samba de caboclo. Quando o caboclo está indo embora, ele chega e canta. Como todo mundo tem essa convivência com o terreiro — mesmo não sendo iniciado —, todos tivemos esse contato. Então são cantorias de terreiro, de caboclo..."

Em seguida, acrescenta:

"O abraço vira uma bênção que se confirma, se confirma e se confirma até acontecer. Por isso que a gente diz que um abraço dado de bom coração é mesmo que uma bênção, uma benção, uma ben-ção. A gente confirma essa bênção três vezes [...] para ela acontecer na vida do outro."

Nessa cantiga, o abraço deixa de ser apenas um gesto e transforma-se em expressão de afeto, espiritualidade, ancestralidade e fortalecimento coletivo. A repetição da palavra "bênção" não

beijuzeiras.indd 5 19/07/2026 23:25

aparece apenas como recurso musical, mas como forma de reafirmar desejos positivos, proteção e cuidado com o outro dentro da vida comunitária.

As cantigas, os sambas e as tradições preservadas pelas Beijuzeiras de Areia Branca revelam modos de ensinar, conviver, trabalhar e resistir construídos ao longo de muitas gerações. Por meio da oralidade, da memória e das experiências coletivas, a comunidade mantém vivos saberes ancestrais que fazem parte da história cultural de Areia Branca.

É nesse universo de memórias, trabalho, cultura, vivência e resistências que esta cartilha se inspira. Mais do que apresentar informações, este material busca valorizar os conhecimentos produzidos pelas próprias beijuzeiras, reconhecendo suas experiências, histórias e saberes como importantes formas de educação, formação humana e preservação cultural.



APRESENTAÇÃO

CONHECENDO A HISTÓRIA DAS BEIJUZEIRAS DE AREIA BRANCA

Há histórias que permanecem vivas não apenas nos livros, mas também nas mãos de quem trabalha, nas conversas entre gerações, nas cantigas, nas festas populares e nos saberes compartilhados no cotidiano.

É assim que a história das Beijuzeiras de Areia Branca continua sendo contada.

Ao longo desta cartilha, você conhecerá a trajetória dessas mulheres negras que transformaram o preparo artesanal do beiju em muito mais do que uma atividade de sustento. Por meio do trabalho, elas preservaram memórias, fortaleceram laços comunitários, transmitiram conhecimentos e mantiveram vivas tradições que fazem parte da identidade cultural de Areia Branca, em Lauro de Freitas, Bahia.

O conteúdo apresentado foi construído a partir da pesquisa "O Trabalho como Princípio Educativo – As Beijuzeiras de Areia Branca: vivência e resistências", desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/IFBA), dialogando também com o artigo "Memórias de Areia Branca do Sotero", de Gildete Melo (2019).

Ao percorrer estas páginas, você encontrará histórias sobre memória, ancestralidade, oralidade, território, cultura popular e educação comunitária, mostrando como o trabalho das beijuzeiras continua produzindo aprendizagens, fortalecendo identidades e inspirando novas gerações.

Mais do que apresentar informações, esta cartilha convida você a conhecer um patrimônio cultural construído pelas próprias pessoas da comunidade, valorizando saberes que muitas vezes permanecem fora dos livros, mas seguem vivos nas experiências, nas narrativas e nas práticas cotidianas.

Este material poderá ser utilizado em escolas, projetos culturais, ações comunitárias, oficinas, rodas de conversa e diferentes espaços educativos. Cada educador, estudante ou grupo poderá escolher os temas que mais dialogam com sua realidade, construindo seus próprios caminhos de leitura, reflexão e aprendizagem.

Esperamos que esta cartilha contribua para fortalecer a memória coletiva, valorizar a cultura popular e ampliar o reconhecimento da importante trajetória das Beijuzeiras de Areia Branca.

EFETIVAMENTE, O QUE VOCÊ ENCONTRARÁ NESTA CARTILHA?

Ao longo da leitura, serão apresentados diferentes aspectos da história e da cultura das Beijuzeiras de Areia Branca, entre eles:

a origem e a trajetória das beijuzeiras;

- a relação entre memória, ancestralidade e território;
- os saberes transmitidos entre gerações;
- o preparo artesanal do beiju;
- as casas de farinha e os aprendizados construídos no trabalho;
- os sambas, o Reisado e outras manifestações culturais da comunidade;
- a Aldeia Casa da Fonte e as ações de preservação da memória;

sugestões de experiências que podem ser desenvolvidas em escolas, projetos culturais e espaços

beijuzeiras.indd 7 19/07/2026 23:25



SUMÁRIO

Prefácio.....05

Apresentação.....07

PARTE 1

RAÍZES DE AREIA BRANCA: MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE E A HISTÓRIA DAS BEIJUZEIRAS.....10

Quem são as Beijuzeiras de Areia Branca? 11

Areia Branca: território de memória e ancestralidade.....13

Andresa de Melo e a transmissão do saber-fazer.....15

PARTE 2

SABERES QUE ALIMENTAM A VIDA.....19

O beiju: muito mais do que alimento.....20

Casa de farinha: lugar de aprender fazendo.....22

Mestras da cultura: memória, trabalho e dignidade 25

FECHANDO ESTA CAMINHADA.....30

PARTE 3

CULTURA VIVA, ORALIDADE E EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA 31

Quando a comunidade canta, a memória continua viva.....32

O Reisado, a taipa e a Aldeia Casa da Fonte: quando a cultura também ensina.....35

Escola e a memória local - A escola também aprende com a comunidade.....38

UM CONVITE PARA DESCOBRIR A HISTÓRIA DO SEU LUGAR.....42

CHEGAMOS AO PONTO FINAL? NÃO, APENAS UMA VÍRGULA.....44

REFERÊNCIAS.....45

PARTE 1

RAÍZES DE AREIA BRANCA: MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE E A HISTÓRIA DAS BEIJUZEIRAS



QUEM SÃO AS BEIJUZEIRAS DE AREIA BRANCA?



Figura 2 - Participação das beijuzeiras na FESTUR – Festa Turística Étnica Cultural de Lauro de Freitas - Fonte: Acervo do grupo cultural Beijuzeiras de Areia Branca (2018)

As Beijuzeiras de Areia Branca são mulheres negras guardiãs de saberes ancestrais ligados à mandioca, ao preparo artesanal do beiju, à memória coletiva e às práticas culturais da comunidade de Areia Branca, em Lauro de Freitas, Bahia.

Sua história está profundamente ligada à formação cultural da comunidade, construída pelas experiências de quilombolas, descendentes de africanos escravizados, povos indígenas e trabalhadores pobres que viveram na antiga região da Freguesia Santo Amaro de Ipitanga, hoje Lauro de Freitas.

Durante muitos anos, a produção do beiju foi uma importante forma de sobrevivência econômica das famílias da comunidade. As mulheres produziam: beiju, farinha, frutas, alimentos tradicionais e vendiam em feiras e bairros populares de Salvador e Lauro de Freitas.

Muitas vezes, saíam ainda de madrugada carregando tabuleiros e bacias na cabeça para vender os produtos e garantir o sustento da família.

Mas ser beijuzeira nunca significou apenas produzir alimento. As beijuzeiras também:

- guardavam histórias;
- ensinavam saberes;
- preservavam tradições;
- fortaleciam os vínculos comunitários;
- transmitiam conhecimentos às novas gerações.

A tradição do beiju foi sendo ensinada de mãe para filha, de avó para neta, através da convivência cotidiana nas casas de farinha, nas cozinhas, nas feiras e nos encontros da comunidade.

As crianças aprendiam:

- observando os adultos;
- ajudando nas tarefas;
- ouvindo histórias;
- participando das rodas de conversa;
- convivendo com as mestras mais velhas.

Esse aprendizado acontecia principalmente pela oralidade e pela experiência.

Por isso, a dissertação que inspirou a presente cartilha compreende o trabalho das beijuzeiras como um princípio educativo. Isso significa entender que o trabalho não produzia apenas sustento material, mas também:

- memória;
- cultura;
- pertencimento;
- solidariedade;
- formação humana.

Entre os nomes mais importantes dessa trajetória está Dona Andresa de Melo (1964-1876), considerada uma das precursoras das beijuzeiras de Areia Branca.

Filha de Vitória de Melo e Cezário, pessoas escravizadas que trabalharam nos engenhos do Quingoma, Dona Andresa herdou conhecimentos ligados ao cultivo da mandioca e ao preparo do beiju, transmitindo esses saberes às filhas, netas e bisnetas.

Entre suas descendentes estão: Dona Zizi, Dona Dadá e Pelé (in memoriam), mulheres que ajudaram a manter viva a tradição do beiju e a memória da comunidade.

As beijuzeiras representam hoje:

- resistência cultural;
- força das mulheres negras;
- preservação da memória coletiva;
- valorização dos saberes populares;
- educação comunitária;
- ancestralidade;

beijuzeiras.indd 11 19/07/2026 23:25

- identidade territorial.

Sua história mostra que existem muitas formas de ensinar e aprender. Nas experiências das beijuzeiras, aprende-se:

- trabalhando;
- convivendo;
- cantando;
- ouvindo;
- participando da vida comunitária.

Hoje, essa tradição continua viva através:

- das oficinas do beiju;
- das rodas culturais;
- do samba;
- do reisado;
- das atividades da Aldeia Casa da Fonte;
- dos projetos educativos realizados na comunidade.

As Beijuzeiras de Areia Branca não representam apenas a memória do passado. Elas continuam ensinando, produzindo cultura e fortalecendo a identidade da comunidade no presente.

VAMOS CONVERSAR UM POUCO?

- O que podemos aprender com as pessoas mais velhas da comunidade?
- Que tradições continuam vivas no lugar onde você mora?
- Por que preservar a memória das comunidades negras e populares é importante para toda a sociedade?
- Na sua escola, os conhecimentos da comunidade também fazem parte das aulas?

PALAVRAS QUE APARECEM NESTA HISTÓRIA

ANCESTRALIDADE

Conhecimentos, valores e memórias que passam de geração em geração.

ORALIDADE

Forma de compartilhar saberes por meio das conversas, das histórias e da convivência.

MEMÓRIA COLETIVA

Conjunto das lembranças, experiências e histórias que unem uma comunidade.

TERRITÓRIO

Mais do que um lugar no mapa: é o espaço onde as pessoas vivem, constroem vínculos, produzem cultura e fortalecem sua identidade.

UMA EXPERIÊNCIA PARA COLOCAR EM PRÁTICA - MEMÓRIAS DA MINHA COMUNIDADE

Que tal conversar com alguém mais velho da sua família ou da comunidade?

Você pode perguntar, por exemplo:

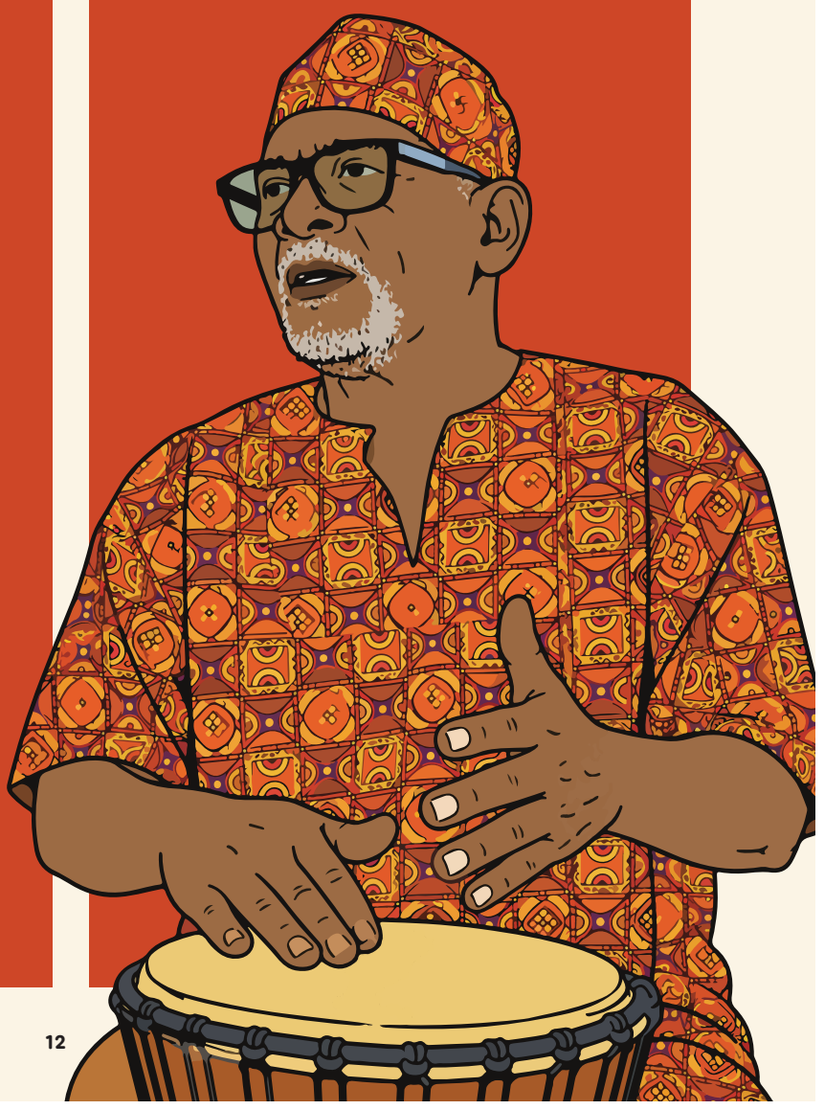
Como era a comunidade antigamente?

Quais eram os trabalhos mais comuns?

Que comidas tradicionais faziam parte do dia a dia?

Que histórias não podem ser esquecidas?

Depois, escolha a forma que preferir para compartilhar o que descobriu: escreva um pequeno texto, faça um desenho, grave um áudio ou conte essa história para outras pessoas.



beijuzeiras.indd 12 19/07/2026 23:25

AREIA BRANCA: TERRITÓRIO DE MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE



Figura 3 - Mapa situando Areia Branca - Fonte: Artigo Memórias de Areia Branca do Sotero, de Gildete Melo (2019)

Areia Branca é muito mais do que um bairro de Lauro de Freitas. Para as Beijuzeiras, o território representa memória, ancestralidade, pertencimento e resistência.

A história da comunidade foi construída pelas experiências de povos indígenas, quilombolas, descendentes de africanos escravizados e trabalhadores pobres que viveram na antiga região da Freguesia Santo Amaro de Ipitanga.

Segundo a historiadora Gildete Melo (2019), a formação cultural de Areia Branca aconteceu "no entorno dos engenhos da Japara propriedade da família Sá, Conceição da Quingoma e Engenho da Quingoma", marcada pelas dificuldades do trabalho, pela pobreza, mas também pela força da coletividade, da cultura popular e das tradições comunitárias.

Nesse território, as pessoas construíram formas próprias de viver, trabalhar, ensinar e resistir.

Entre os espaços mais importantes dessa história está o Quilombo Quingoma, território ancestral ligado à memória das populações negras da região. O Quingoma representa:

- resistência negra;
- luta pela terra;
- preservação cultural;
- ancestralidade;
- memória coletiva.

Foi nesse contexto histórico que muitas famílias da comunidade desenvolveram conhecimentos ligados:

- ao cultivo da mandioca;
- ao preparo do beiju;
- às casas de farinha;
- ao samba;
- às práticas culturais afro-brasileiras.

A memória oral da comunidade conta que Dona Andresa de Melo, considerada uma das precursoras das beijuzeiras, era filha de Vitória de Melo e Cezário, pessoas escravizadas que trabalharam nos engenhos do Quingoma.

Essas histórias foram sendo transmitidas pelas falas dos mais velhos, pelas rodas de conversa, pelos sambas, pelas cantigas e pelas experiências vividas no território.

Por isso, a oralidade possui grande importância na preservação da memória da comunidade.

Muitas histórias das beijuzeiras não aparecem nos livros oficiais, mas continuam vivas:

- nas lembranças das mestras;
- nas cantorias;
- nos sambas;
- nas festas populares;
- nas histórias contadas pelos moradores antigos.

A memória oral funciona como um arquivo vivo da comunidade.

As narrativas das beijuzeiras também mostram que o território não é apenas um espaço físico. Ele é carregado de:

- afetos;
- experiências;
- ancestralidade;
- cultura;
- pertencimento.

beijuzeiras.indd 13 19/07/2026 23:25

Os coqueirais, as roças, as casas de farinha, os caminhos antigos, as feiras e os sambas fazem parte da identidade cultural de Areia Branca.

O território guarda:

- histórias de trabalho;
- histórias de luta;
- memórias familiares;
- experiências de solidariedade;
- práticas culturais ancestrais.

Ao mesmo tempo, as experiências das beijuzeiras revelam que o território também foi marcado por desigualdades sociais.

As dificuldades econômicas, o trabalho duro, a pobreza e os processos de exclusão social atravessaram a vida das famílias negras da comunidade durante muitos anos.

Mesmo diante dessas dificuldades, as beijuzeiras continuaram preservando:

- seus saberes;
- suas tradições;
- suas práticas culturais;
- sua memória coletiva.

A dissertação mostra que memória, território e trabalho aparecem profundamente ligados nas experiências das beijuzeiras.

As pessoas aprendiam:

- na roça;
- na casa de farinha;
- nas feiras;
- nas rodas de samba;
- convivendo com os mais velhos.

O território funcionava também como espaço educativo. Por isso, Areia Branca pode ser compreendida como um território educativo, onde o trabalho, a cultura e a convivência coletiva produzem formação humana e fortalecem os vínculos comunitários.

Hoje, essa memória continua viva através:

- das oficinas culturais;
- das rodas de samba;
- das oficinas do beiju;
- do Reisado do Boi Estrela e Sariguê;
- das atividades da Aldeia Casa da Fonte;
- dos projetos educativos realizados na comunidade.

Essas ações ajudam a fortalecer:

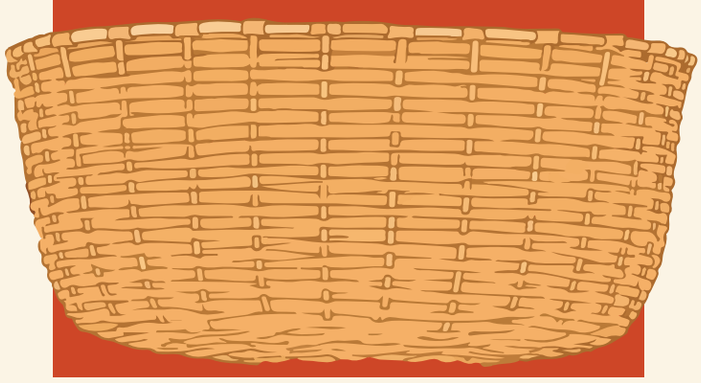
- a identidade cultural;
- a memória coletiva;
- a valorização das mulheres negras;
- os saberes ancestrais;
- o sentimento de pertencimento das novas gerações.

Preservar a memória de Areia Branca significa também valorizar as histórias das pessoas que construíram a comunidade com seu trabalho, sua cultura e sua resistência.

OLHANDO PARA O LUGAR ONDE VIVEMOS

O que significa território para você? Quais histórias fazem parte da memória do lugar onde você mora?

Por que algumas histórias aparecem nos livros e outras continuam sendo contadas apenas pelas pessoas da comunidade?



beijuzeiras.indd 14 19/07/2026 23:25

ANDRESA DE MELO E A TRANSMISSÃO DO SABER-FAZER



Figura 4 - Mestra Dona Zizi, uma das netas vivas de Andresa de Melo - .Fonte: Acervo do Grupo Cultural Beijuzeiras de Areia Branca (2024)

A história das Beijuzeiras de Areia Branca está profundamente ligada à trajetória de Dona Andresa de Melo, considerada uma das principais precursoras da tradição do beiju na comunidade.

Nascida em 1876, Dona Andresa era filha de Vitória de Melo e Cezário, pessoas escravizadas que viveram na região do Quilombo Quingoma e trabalharam nos antigos engenhos da Freguesia Santo Amaro de Ipitanga.

Segundo a memória oral da comunidade, Vitória de Melo possuía forte herança indígena e conhecia técnicas ligadas:

- ao cultivo da mandioca;
- ao preparo da farinha;
- à produção do beiju;
- aos saberes da roça.

Esses conhecimentos foram transmitidos para Dona Andresa através da convivência cotidiana, da observação e do trabalho coletivo.

Naquele tempo, muitas aprendizagens aconteciam fora da escola.

As crianças aprendiam:

- observando os mais velhos;
- ajudando nas tarefas;
- convivendo nas casas de farinha;
- ouvindo histórias;
- participando do trabalho comunitário.

beijuzeiras.indd 15 19/07/2026 23:25

O saber era transmitido pela oralidade e pela experiência.

Por isso, a tradição do beiju não foi aprendida em livros, mas nas relações entre gerações, através do corpo, da convivência e da prática cotidiana.

Dona Andresa ensinou esses conhecimentos às filhas, netas e bisnetas, formando uma linhagem de mulheres responsáveis por manter viva a tradição das beijuzeiras em Areia Branca.

Entre as descendentes que se tornaram referências da cultura local estão:

- Dona Zizi;
- Dona Dadá;
- Pelé (in memoriam).

Essas mulheres ajudaram a preservar:

- o preparo artesanal do beiju;
- as histórias da comunidade;
- as práticas culturais;
- os sambas;
- as rodas de conversa;
- os conhecimentos ancestrais ligados ao território.

Dona Zizi, uma das netas vivas de Dona Andresa, tornou-se importante referência da tradição beijuzeira na comunidade.

Nas oficinas do beiju realizadas atualmente na Aldeia Casa da Fonte, Dona Zizi ensina:

- raspar a mandioca;
- preparar a massa;
- mexer o forno;
- cuidar do tempo do beiju;
- conhecer os modos tradicionais do preparo artesanal.

Mas, enquanto ensina o fazer do beiju, ela também transmite:

- histórias antigas;
- memórias da comunidade;
- respeito aos mais velhos;
- valores comunitários;
- saberes ancestrais.

O aprendizado acontece através da convivência e da participação coletiva.

As pessoas aprendem:

- observando;
- escutando;
- ajudando;
- participando da prática.

A dissertação mostra que esse processo de transmissão dos saberes possui grande importância para a preservação da memória coletiva da comunidade.

Os saberes das beijuzeiras não envolvem apenas técnicas de produção alimentar. Eles carregam:

- experiências históricas;
- conhecimentos da natureza;
- formas de convivência;
- práticas culturais;
- memórias familiares;
- valores comunitários.

Por isso, a oralidade ocupa lugar central na vida das beijuzeiras.

As histórias, os sambas, as cantigas, os ensinamentos e as memórias são transmitidos principalmente pela fala e pela convivência entre gerações.

A oralidade funciona como uma forma de preservar conhecimentos que muitas vezes não aparecem nos livros oficiais.

Ao mesmo tempo, a transmissão geracional fortalece o sentimento de pertencimento das novas gerações.

As crianças e os jovens aprendem:

- quem são seus ancestrais;
- como a comunidade foi construída;
- quais tradições precisam ser preservadas;
- como o trabalho ajudou a sustentar as famílias;
- como a cultura fortalece a identidade coletiva.
- A dissertação compreende esse processo como parte do trabalho entendido como princípio educativo.

Isso significa reconhecer que o trabalho das beijuzeiras produz:

- aprendizagem;
- formação humana;

beijuzeiras.indd 16 19/07/2026 23:25

- memória;
- cultura;
- solidariedade;
- pertencimento.

Hoje, as oficinas do beiju, os sambas, as rodas culturais e as atividades da Aldeia Casa da Fonte continuam ajudando a manter viva a tradição iniciada por Dona Andresa de Melo.

Assim, as Beijuzeiras de Areia Branca continuam transmitindo:

- saberes;
- histórias;
- memórias;
- experiências;
- ancestralidade;
- formas coletivas de ensinar e aprender.

Mais do que produzir alimento, elas seguem produzindo cultura, educação comunitária e resistência.

PARA CONTINUAR PENSANDO...

O que aprendemos com as pessoas mais velhas?

Como os conhecimentos eram transmitidos antes da escola ocupar um lugar central na educação?

Por que a oralidade continua sendo tão importante?

Que saberes existem na sua família e merecem ser preservados?

CONHECENDO ALGUMAS EXPRESSÕES

- Oralidade
- Forma de transmitir conhecimentos através da fala, das histórias e da convivência.
- Transmissão geracional
- Passagem de saberes e experiências entre diferentes gerações da comunidade.
- Saberes ancestrais
- Conhecimentos herdados dos antepassados e preservados ao longo do tempo.
- Pertencimento
- Sentimento de fazer parte de uma comunidade e reconhecer sua história.

CONHECENDO OS SABERES DA MINHA FAMÍLIA

Converse com alguém mais velho da sua família ou comunidade e descubra um ensinamento, uma receita, uma história ou um costume que continua vivo.

Escolha a maneira que preferir para registrar essa experiência: escreva, desenhe, grave um áudio ou compartilhe com outras pessoas.

Ao final, conversem juntos:

Como esses conhecimentos chegaram até hoje?

O que podemos fazer para que eles continuem sendo transmitidos?

RETOMANDO A CAMINHADA

O que mais chamou sua atenção na história das Beijuzeiras?

Que saberes presentes em Areia Branca também existem em sua comunidade?

De que maneira o trabalho pode ensinar?

Como a memória ajuda a preservar a identidade de um povo?

Que personagem desta leitura despertou mais sua curiosidade? Por quê?

Uma proposta para fazer em grupo - "Árvore da Memória"

OBJETIVO

Refletir sobre ancestralidade e transmissão dos saberes.

Desenvolvimento

Os estudantes construirão uma árvore coletiva:

raízes → ancestrais e memórias;

tronco → comunidade;

galhos → continuidade cultural e futuro.

DEBATE

O que herdamos dos mais velhos?

Que saberes precisam permanecer vivos?

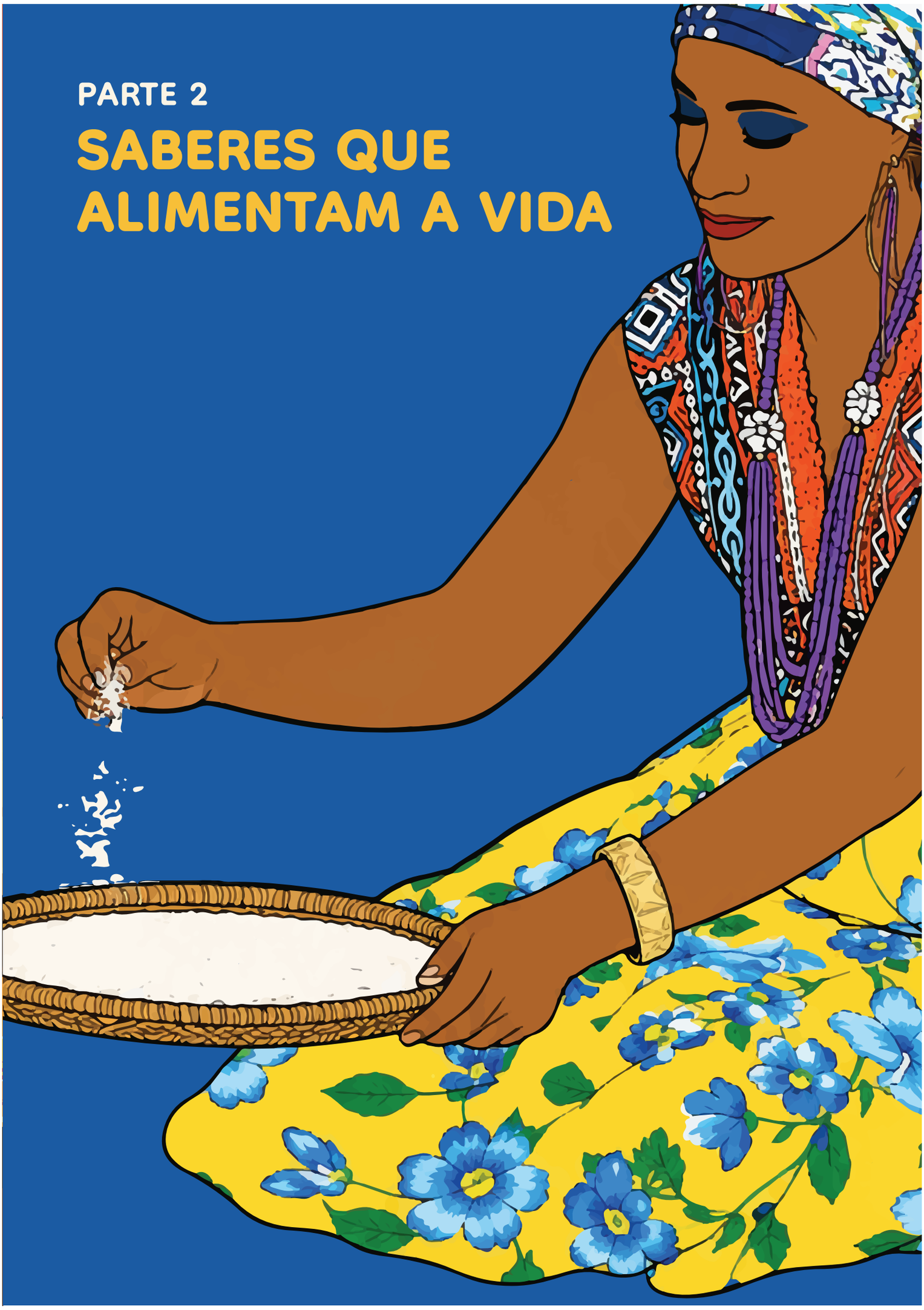
beijuzeiras.indd 17 19/07/2026 23:25



beijuzeiras.indd 18 19/07/2026 23:25

PARTE 2

SABERES QUE ALIMENTAM A VIDA



O BEIJU: MUITO MAIS DO QUE ALIMENTO



Figura 05 – Registro do preparo do beiju - Fonte: Melo (2019)

O beiju faz parte da alimentação de muitos povos indígenas e afro-brasileiros. Em Areia Branca, porém, ele representa muito mais do que um alimento. Sua história está ligada às memórias da comunidade, ao trabalho das famílias, à transmissão de saberes entre gerações e às formas de viver construídas pelas Beijuzeiras ao longo do tempo.

Durante muitos anos, produzir beiju significou garantir o sustento da casa. Ainda de madrugada, muitas mulheres preparavam a massa, acendiam o forno e seguiam para feiras e bairros de Salvador e Lauro de Freitas levando tabuleiros, bacias, cestos e caçuás. O trabalho era intenso, mas também fortalecia os vínculos entre as famílias e ajudava a manter vivas práticas culturais que atravessaram diferentes gerações.

Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, uma das beijuzeiras recorda:

"Esse negócio de beiju vem dos meus avós... passou pra minha mãe, da minha mãe passou pra gente."

Essa lembrança mostra que o preparo do beiju não era aprendido em livros. Os conhecimentos eram construídos na convivência diária, observando os mais velhos, ajudando nas tarefas e participando da vida da comunidade.

Outra recordação revela como esse aprendizado começava cedo:

"Com uns dez anos já carregava cesta na cabeça."

Mais tarde, ela resume boa parte de sua trajetória com uma frase carregada de significado:

"Criei os filhos no balaio do beiju."

Essas falas mostram que o trabalho das beijuzeiras ia muito além da produção de alimentos. Era ele que sustentava muitas famílias, organizava o cotidiano da comunidade e ensinava responsabilidades, solidariedade e cooperação.

Uma das lembranças mais marcantes das entrevistas diz respeito à ajuda entre as mulheres:

"Juntava um bocado de mulher."

beijuzeiras.indd 20 19/07/2026 23:25

E completa:

"Todo mundo vivia do beiju."

Em outro momento, afirma:

"Quem vendia primeiro ajudava as outras."

Essa pequena frase revela muito sobre a vida da comunidade. Em vez da competição, predominavam a colaboração, a partilha e o cuidado coletivo. O sucesso de uma mulher também representava apoio para as demais.

O trabalho exigia grande esforço físico. Era preciso raspar a mandioca, preparar a massa, controlar o forno, transportar a produção, vender os beijus e, ao mesmo tempo, cuidar da casa e da família. Apesar das dificuldades, essas mulheres transformaram o trabalho em uma importante forma de preservar sua cultura e construir a própria história.

Nas casas de farinha não circulavam apenas alimentos. Ali também eram compartilhadas histórias, cantigas, sambas, ensinamentos, memórias familiares e conhecimentos sobre a natureza e o território. Enquanto produziam beiju, as mulheres ensinavam modos de viver, fortaleciam vínculos comunitários e transmitiam valores às novas gerações.

Por isso, esta pesquisa compreende o trabalho das Beijuzeiras de Areia Branca como um princípio educativo. Ao produzir alimento, elas também produziam cultura, memória, pertencimento, solidariedade e formação humana.

Essa tradição permanece viva até hoje nas oficinas do beiju, nas rodas culturais e nas atividades desenvolvidas pela Aldeia Casa da Fonte. Nessas experiências, crianças, jovens e adultos continuam aprendendo que o beiju representa muito mais do que uma receita: ele é parte da identidade, da memória e da resistência da comunidade.

VAMOS CONVERSAR UM POUCO?

O que mais chamou sua atenção nas histórias contadas pelas beijuzeiras?

O que significa dizer que o trabalho também pode ensinar?

Você conhece algum trabalho tradicional que também transmita saberes entre gerações?

Que valores aparecem na frase: "Quem vendia primeiro ajudava as outras"?

ALGUMAS PALAVRAS IMPORTANTES

Trabalho como princípio educativo

É a compreensão de que o trabalho não produz apenas bens materiais, mas também aprendizagens, valores, cultura e formação humana.

Economia familiar

Conjunto de atividades realizadas para contribuir com o sustento da família.

Solidariedade

Apoio, cooperação e ajuda entre as pessoas de uma comunidade.

Oralidade

Forma de transmitir conhecimentos por meio da fala, das histórias e da convivência.

UMA EXPERIÊNCIA PARA CONHECER OUTRAS HISTÓRIAS

Converse com alguém da sua família ou da comunidade sobre um trabalho que marcou sua vida.

Você pode perguntar:

Como esse trabalho era aprendido?

Quem ensinava?

Quais eram as maiores dificuldades?

O que esse trabalho ensinou para a vida?

Depois, escolha a maneira que preferir para registrar essa conversa: um texto, um desenho, uma fotografia, um áudio ou uma apresentação para outras pessoas.



beijuzeiras.indd 21 19/07/2026 23:25

CASA DE FARINHA: LUGAR DE APRENDER FAZENDO



Figura 6 - Representação artística das antigas Casas de Farinh - Fonte: Artigo Memórias de Areia Branca do Sotero, de Gildete Melo (2019)

Quando pensamos em uma casa de farinha, é comum imaginarmos apenas um lugar onde a mandioca era transformada em farinha e beiju. Em Areia Branca, porém, esse espaço tinha um significado muito maior. Ali não eram produzidos apenas alimentos. Produziam-se histórias, amizades, lembranças e muitos aprendizados que acompanhavam as pessoas por toda a vida.

Logo cedo, o movimento começava. Enquanto algumas pessoas preparavam a mandioca, outras alimentavam o forno, organizavam os utensílios e conversavam sobre o dia. As crianças circulavam entre os adultos, observando cada etapa do trabalho. Pouco a pouco, começavam a ajudar nas tarefas mais simples. Assim, aprendiam sem que alguém precisasse dizer: "Agora é hora da aula."

Cada atividade ensinava alguma coisa. Raspar a mandioca exigia paciência. Preparar a massa pedia atenção. Controlar o forno dependia da experiência adquirida com o tempo. Tudo era aprendido observando, experimentando, ouvindo os mais velhos e participando da rotina da comunidade.

Enquanto o trabalho acontecia, também circulavam histórias, cantigas, risadas, conselhos e lembranças. As conversas falavam das famílias, das festas, das dificuldades e das conquistas da comunidade. Era assim que muitos conhecimentos passavam de uma geração para outra.

As mulheres mais experientes ensinavam os segredos do preparo do beiju: o ponto certo da massa, o calor do forno, o cuidado com a mandioca e os detalhes que não

beijuzeiras.indd 22 19/07/2026 23:25

estavam escritos em nenhum livro. Eram conhecimentos construídos ao longo de muitos anos de prática e transmitidos principalmente pela convivência.

Hoje, pesquisadores chamam esse modo de aprender de aprendizagem situada. Parece um nome complicado, mas a ideia é bastante simples: aprendemos muito quando participamos da vida da comunidade. Aprendemos observando, fazendo, convivendo, perguntando e compartilhando experiências com outras pessoas.

Foi exatamente isso que aconteceu durante muitos anos nas casas de farinha de Areia Branca. O trabalho aproximava as pessoas, fortalecia os laços comunitários e ajudava a preservar conhecimentos que fazem parte da história da comunidade.

Os saberes das beijuzeiras vão muito além das técnicas de produção do alimento. Eles carregam memórias, valores, formas de convivência, respeito aos mais velhos, conhecimentos sobre a natureza, o território e a importância do trabalho coletivo.

Esses saberes continuam vivos até hoje. Nas oficinas do beiju, nas rodas culturais e nas atividades promovidas pela Aldeia Casa da Fonte, crianças, jovens e adultos continuam conhecendo os modos tradicionais de fazer, ouvir as histórias das mestras da comunidade e compreender por que o beiju representa muito mais do que um alimento.

Cada oficina, cada conversa e cada receita preparada ajudam a manter viva uma herança construída por muitas gerações de mulheres que transformaram o trabalho em conhecimento, cultura e resistência.

Ao conhecer essa história, percebemos que aprender não acontece apenas dentro da escola. A vida também ensina. A comunidade ensina. O trabalho ensina. E as casas de farinha mostram que, quando as pessoas compartilham experiências, todos aprendem juntos.

VAMOS CONVERSAR?

O que mais chamou sua atenção na forma como as pessoas aprendiam nas casas de farinha?

Você já aprendeu alguma coisa importante apenas observando alguém?

Que conhecimentos da sua família ou da sua comunidade também são transmitidos de geração em geração?

Por que ouvir as pessoas mais velhas pode ser uma maneira de aprender?

VOCÊ SABIA?

Muitos conhecimentos importantes não nasceram nos livros. Eles foram construídos na prática, ao longo do tempo, e continuam sendo transmitidos por meio das conversas, das experiências e da convivência entre as pessoas.

Os pesquisadores chamam esse processo de aprendizagem situada, porque o aprendizado acontece dentro das práticas da comunidade e faz parte da vida das pessoas.

PALAVRAS QUE FAZEM PARTE DESTA HISTÓRIA - APRENDIZAGEM SITUADA

Aprender participando das atividades da comunidade, observando, convivendo e colocando a mão na massa.

Oralidade

Forma de transmitir conhecimentos por meio das conversas, das histórias e das experiências compartilhadas.

Saberes do trabalho

Conhecimentos construídos nas experiências de trabalho e passados de uma geração para outra.

Convivência

Relações construídas entre as pessoas no dia a dia, quando vivem, trabalham e aprendem juntas.

UM CONVITE À DESCOBERTA

Toda comunidade guarda histórias que merecem ser conhecidas.

Converse com alguém da sua família ou da sua

beijuzeiras.indd 23 19/07/2026 23:25

vizinhança sobre um trabalho que essa pessoa aprendeu fazendo.

Pergunte, por exemplo:

Quem ensinou esse trabalho?

Como aconteceu esse aprendizado?

O que era mais difícil?

Que lembranças esse trabalho despertou?

Que ensinamentos ficaram para a vida?

Depois, escolha a maneira que preferir para compartilhar essa história. Você pode escrever um pequeno relato, fazer um desenho, gravar um áudio, produzir um vídeo curto ou contar essa experiência para outras pessoas.

Ao ouvir essas histórias, você poderá descobrir que muitos conhecimentos importantes continuam vivos graças às pessoas que os preservam e os compartilham com as novas gerações.



MESTRAS DA CULTURA: MEMÓRIA, TRABALHO E DIGNIDADE



Figura 6 – Dona Detinha durante ensaio das Beijuzeiras - Fonte: Acervo do Grupo Cultural Beijuzeiras de Areia Branca (2025)

As Beijuzeiras de Areia Branca são reconhecidas na comunidade como verdadeiras mestras da cultura popular. São mulheres negras que, através do trabalho, da oralidade e da convivência comunitária, ajudaram a preservar importantes saberes ancestrais ligados:

- ao preparo do beiju;
- às casas de farinha;
- ao samba;
- às cantigas;
- às tradições da comunidade;
- à memória coletiva de Areia Branca.

Entre essas mulheres destacam-se Dona Detinha, Dona Maria de Moça, Dona Melândia, Dona Zizi, Dona Dadá e tantas outras guardiãs da memória cultural da comunidade. Suas histórias ajudam a compreender como os saberes populares continuam vivos através da oralidade, da convivência e das práticas culturais transmitidas entre gerações.

Dona Detinha possui forte presença nas rodas de samba e nas cantigas tradicionais da comunidade. Sua voz ajuda a manter vivas músicas, histórias e memórias transmitidas pelos mais velhos. Nos sambas e encontros culturais, seus cantos fortalecem os vínculos comunitários e ajudam crianças e jovens a conhecer tradições importantes de Areia Branca. A oralidade presente em suas cantigas funciona como uma forma de preservar a memória coletiva da comunidade.

beijuzeiras.indd 25 19/07/2026 23:25



Figura 7 - Contação de história com a Mestra Dona Maria para os estudantes da escola municipal Barro Duro - Fonte: Acervo do Grupo Cultural Beijuzeiras de Areia Branca (2025)



Figura 8 - As Beijuzeiras na Jornada Pedagógica do IFBA (D.Melândia no atabaque) - Fonte: Acervo do Grupo Cultural Beijuzeiras de Areia Branca (2026)

beijuzeiras.indd 26 19/07/2026 23:25

Dona Maria de Moça também ocupa lugar importante na história das beijuzeiras. Em atividades realizadas com estudantes da rede municipal de Lauro de Freitas, ela compartilha lembranças sobre as antigas formas de vender beiju, contando como as mulheres acordavam ainda de madrugada para preparar os alimentos e caminhar longas distâncias até feiras e bairros populares. Seus relatos ajudam as novas gerações a compreenderem as dificuldades do trabalho das beijuzeiras, mas também a força, a dignidade e a resistência das mulheres negras da comunidade.

Outra importante referência cultural é Dona Melândia, conhecida pela presença marcante nos sambas e pelo toque do atabaque nas manifestações culturais da comunidade. O som do atabaque ajuda a preservar tradições afro-brasileiras e fortalece as práticas culturais ligadas à ancestralidade, à memória e à resistência cultural de Areia Branca.

Essas mulheres desempenharam papel fundamental na construção da vida comunitária. Durante muitos anos, o trabalho das beijuzeiras ajudou a sustentar famílias inteiras através da venda:

- do beiju;
- da farinha;
- das frutas;
- de alimentos produzidos na comunidade.

Muitas mulheres acordavam ainda de madrugada para preparar os alimentos e caminhar até feiras e bairros populares de Salvador e Lauro de Freitas.

- O trabalho era cansativo e exigia muito esforço físico. As mulheres:
- carregavam peso;
- cuidavam da casa;
- criavam os filhos;
- produziam alimentos;
- organizavam as vendas;
- preservavam as tradições culturais da comunidade.



beijuzeiras.indd 27 19/07/2026 23:25

Mesmo diante das dificuldades econômicas, do racismo e das desigualdades sociais, essas mulheres continuaram fortalecendo os vínculos comunitários e transmitindo seus conhecimentos às novas gerações.

Por isso, a dissertação reconhece as beijuzeiras como importantes guardiãs da memória e da cultura de Areia Branca.

As mestras da cultura não ensinavam apenas técnicas de trabalho. Elas ensinavam também:

- respeito aos mais velhos;
- solidariedade;
- convivência coletiva;
- cuidado comunitário;
- valores culturais;
- pertencimento à comunidade.

Os saberes eram transmitidos através da oralidade e da convivência cotidiana. As crianças aprendiam:

- observando;
- ouvindo histórias;
- participando das atividades;
- ajudando no trabalho;
- convivendo com as mulheres mais velhas.

Esse processo de transmissão cultural ajudava a preservar:

- memórias familiares;
- histórias da comunidade;
- tradições populares;
- conhecimentos ancestrais.

A dissertação mostra que o trabalho das beijuzeiras produzia não apenas sustento material, mas também formação humana. Enquanto trabalhavam, as mulheres também:

- educavam;
- cuidavam;
- transmitiam cultura;
- fortaleciam a identidade da comunidade.

Por isso, o trabalho aparece como elemento importante da dignidade humana.

Mesmo enfrentando condições difíceis de vida e trabalho, as beijuzeiras construíram formas coletivas de resistência através:

- da solidariedade;
- da cultura;
- da oralidade;
- da convivência comunitária;
- da preservação da memória ancestral.

A resistência das beijuzeiras aparece:

- na continuidade dos saberes;
- na permanência das tradições;
- na valorização da cultura negra;
- na preservação da memória da comunidade.

Hoje, muitas dessas tradições continuam vivas através:

- das oficinas do beiju;
- das rodas culturais;
- do samba;
- das atividades da Aldeia Casa da Fonte;
- dos projetos educativos realizados na comunidade.

As oficinas conduzidas por Dona Zizi ajudam crianças e jovens a conhecer:

- o preparo tradicional do beiju;
- as histórias das antigas beijuzeiras;
- os modos de vida da comunidade;
- os saberes ancestrais transmitidos pelas mulheres mais velhas.

As mestras da cultura continuam ensinando através:

- da fala;
- da experiência;
- da convivência;
- do trabalho coletivo;
- das práticas culturais da comunidade.

As experiências das Beijuzeiras de Areia Branca mostram que os saberes populares possuem grande valor histórico, cultural e educativo. Mais do que trabalhadoras, as beijuzeiras são:

- educadoras da comunidade;

beijuzeiras.indd 28 19/07/2026 23:25

- guardiãs da memória;
- transmissoras de saberes ancestrais;
- referências de resistência e dignidade.

As trajetórias de Dona Detinha, Dona Maria de Moça, Dona Melândia, Dona Zizi, Dona Dadá e de tantas outras mulheres ajudam a compreender a importância das mulheres negras na construção da cultura popular e da vida comunitária em Areia Branca.

VAMOS CONVERSAR?

Depois de conhecer a história dessas mulheres, que tal pensar um pouco sobre elas?

Qual das histórias mais chamou sua atenção? Por quê?

O que Dona Detinha, Dona Maria de Moça e Dona Melândia têm em comum?

Você conhece alguém que também preserve histórias, músicas, receitas ou tradições da sua comunidade?

Por que ouvir as pessoas mais velhas pode nos ajudar a compreender melhor a nossa própria história?

VOCÊ SABIA?

Em diferentes regiões do Brasil existem homens e mulheres reconhecidos como mestres e mestras da cultura popular. São pessoas que preservam saberes, músicas, danças, festas, receitas e tradições que ajudam a contar a história de seus povos e comunidades.

Muitos desses conhecimentos continuam vivos porque alguém decidiu ensiná-los às novas gerações.

PALAVRAS QUE FAZEM PARTE DESTA HISTÓRIA

Mestra da cultura

Pessoa reconhecida pela comunidade por preservar e compartilhar conhecimentos tradicionais.

Memória

Conjunto de lembranças que ajudam um povo a conhecer sua própria história.

Oralidade

Transmissão de saberes por meio das conversas, das histórias, das cantigas e da convivência.

Ancestralidade

Ligação com os conhecimentos, as experiências e as tradições deixadas por quem veio antes de nós.

UM CONVITE PARA OUVIR HISTÓRIAS

Toda comunidade possui pessoas que carregam lembranças importantes.

Que tal descobrir uma delas?

Converse com alguém da sua família, da vizinhança ou da comunidade que tenha muitas histórias para contar.

Pergunte como era a infância, quais trabalhos faziam parte da rotina, quais festas aconteciam na comunidade e quais ensinamentos essa pessoa considera mais importantes.

Depois, escolha uma forma de guardar essa memória. Pode ser escrevendo um pequeno texto, fazendo um desenho, gravando um áudio, tirando uma fotografia ou contando essa história para outras pessoas.

Assim, você também ajudará a preservar uma parte da história da sua comunidade.



beijuzeiras.indd 29 19/07/2026 23:26

FECHANDO ESTA CAMINHADA...

Ao longo desta segunda parte, conhecemos um pouco mais sobre a história das Beijuzeiras de Areia Branca e descobrimos que o beiju representa muito mais do que um alimento.

Vimos que, durante muitos anos, o trabalho realizado pelas mulheres da comunidade garantiu o sustento de muitas famílias, fortaleceu laços de solidariedade e preservou conhecimentos que continuam vivos até hoje. Também aprendemos que as casas de farinha eram espaços onde se produziam alimentos, mas também amizades, memórias, histórias e muitos ensinamentos.

Conhecemos ainda algumas mulheres que se tornaram referências para a comunidade, como Dona Detinha, Dona Maria de Moça, Dona Melândia, Dona Zizi, Dona Dadá e tantas outras. Cada uma delas ajuda a mostrar que a cultura é construída todos os dias, por pessoas que compartilham seus saberes, suas experiências e sua forma de viver.

Talvez a maior descoberta desta caminhada seja perceber que aprender não acontece apenas dentro da escola. Aprendemos observando, ouvindo histórias, convivendo com outras pessoas e participando da vida da comunidade. Os conhecimentos transmitidos pelos mais velhos também fazem parte da nossa formação e ajudam a compreender quem somos.

As histórias das Beijuzeiras de Areia Branca mostram que trabalho, memória, cultura e educação caminham juntos. Quando uma receita é ensinada, quando uma cantiga é lembrada, quando uma roda de samba reúne diferentes gerações ou quando alguém conta uma antiga história da comunidade, um importante patrimônio cultural continua vivo.

Agora é a sua vez de olhar ao redor e perceber quantas pessoas também carregam histórias que merecem ser conhecidas e preservadas.

QUE MEMÓRIAS VIVEM PERTO DE VOCÊ?

Depois de conhecer as histórias das Beijuzeiras de Areia Branca, reserve alguns minutos para pensar sobre a sua própria comunidade.

Existe alguém na sua família que guarda histórias antigas?

- Há alguma receita, festa, música, brincadeira ou tradição que passa de geração para geração?
- Quem ensinou essas tradições?
- Que conhecimentos você aprendeu fora da escola e considera importantes para a sua vida?
- Como você pode ajudar a preservar essas memórias para que outras pessoas também as conheçam?

Talvez você descubra que, assim como aconteceu em Areia Branca, muitas pessoas ao seu redor também são guardiãs de saberes, histórias e experiências que ajudam a construir a identidade da comunidade.

Conhecer essas pessoas é uma maneira de valorizar a cultura, fortalecer a memória coletiva e compreender que cada comunidade possui riquezas que merecem ser preservadas.

PARA CONTINUAR A DESCOBERTA

Se desejar, escolha uma pessoa da sua família ou da sua comunidade para conversar.

Pergunte sobre sua infância, o trabalho que realizava, as festas de que participava, as histórias que mais gosta de contar e os ensinamentos que considera importantes para as novas gerações.

Depois, registre essa conversa da maneira que preferir. Você pode escrever um pequeno texto, fazer um desenho, gravar um áudio, produzir um vídeo, montar um álbum de fotografias ou simplesmente compartilhar essa história com outras pessoas.

Cada memória registrada ajuda a preservar um pouco da história de uma família, de uma comunidade e também do nosso patrimônio cultural.

Assim como as Beijuzeiras de Areia Branca mantiveram vivas tantas tradições, você também pode contribuir para que essas histórias continuem sendo contadas pelas próximas gerações.

beijuzeiras.indd 30 19/07/2026 23:26



PARTE 3

CULTURA VIVA, ORALIDADE E EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA

QUANDO A COMUNIDADE CANTA, A MEMÓRIA CONTINUA VIVA



As práticas culturais das Beijuzeiras de Areia Branca mostram que o samba, as cantigas e a oralidade ajudam a preservar a memória e os saberes da comunidade. Por meio das músicas, das histórias e das conversas, conhecimentos importantes continuam sendo ensinados de geração em geração.

As mulheres mais velhas compartilham ensinamentos enquanto trabalham, conversam, cantam ou participam das rodas de samba. Assim, o aprendizado acontece na convivência diária, observando, ouvindo e participando das atividades da comunidade.

Muitas cantigas falam da roça, da feira, da mandioca e dos alimentos cultivados pela própria comunidade. Uma das interlocutoras cantou:

"Fui pro mato cortar coco,
cheguei lá, achei ingá.

beijuzeiras.indd 32 19/07/2026 23:26

O que você aprendeu ouvindo histórias contadas por alguém da sua família?

Você acredita que uma música também pode guardar memórias? Por quê?

VOCÊ SABIA?

Antes de existirem celulares, computadores ou internet, muitas comunidades preservavam seus conhecimentos principalmente pela fala.

Histórias, receitas, cantigas, rezas, brincadeiras e festas eram ensinadas de geração em geração por meio da convivência.

É por isso que pesquisadores chamam a oralidade de um importante patrimônio cultural.

PALAVRAS QUE FAZEM PARTE DESTA HISTÓRIA

Oralidade

É quando os conhecimentos são transmitidos por meio da fala, das histórias, das músicas e da convivência.

Memória coletiva

São as lembranças que pertencem a uma comunidade e ajudam a contar sua história.

Ancestralidade

É a ligação com as pessoas que vieram antes de nós e deixaram seus conhecimentos como herança.

Chula de roça

Cantiga tradicional que acompanhava o trabalho na roça e também fazia parte das rodas de samba.

UM CONVITE PARA CONTINUAR OUVINDO HISTÓRIAS

Toda família guarda alguma memória especial.

Pode ser uma música.

Uma brincadeira.

Uma receita.

Uma história engraçada.

Ou um costume que atravessou muitos anos.

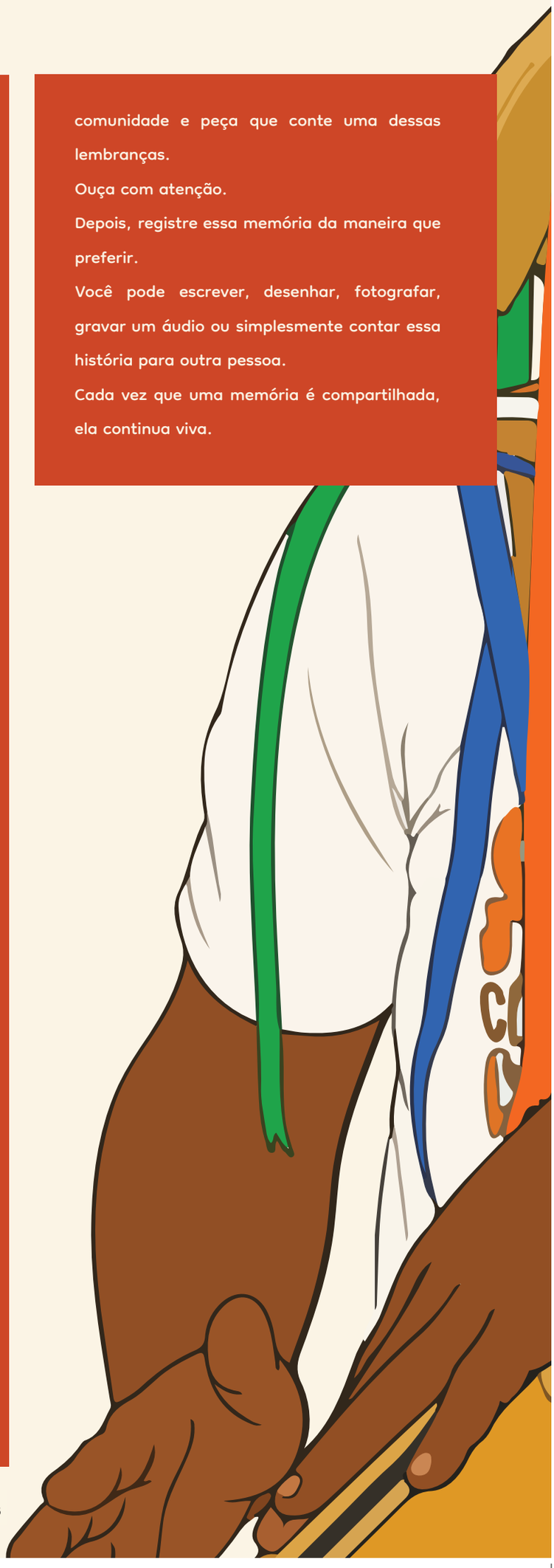
Escolha uma pessoa mais velha da sua família ou da comunidade e peça que conte uma dessas lembranças.

Ouça com atenção.

Depois, registre essa memória da maneira que preferir.

Você pode escrever, desenhar, fotografar, gravar um áudio ou simplesmente contar essa história para outra pessoa.

Cada vez que uma memória é compartilhada, ela continua viva.



beijuzeiras.indd 33 19/07/2026 23:26



beijuzeiras.indd 34 19/07/2026 23:26

O REISADO, A TAIPA E A ALDEIA CASA DA FONTE: QUANDO A CULTURA TAMBÉM ENSINA



Figura 09 - Reisado do Boi Estrela e Sariguê - Fonte: Acervo do Grupo Cultural Beijuzeiras de Areia Branca (2026)

Depois de conhecer como o trabalho das beijuzeiras ajudou a preservar a história de Areia Branca, é hora de descobrir outros lugares onde essa cultura continua viva.

Quem visita a comunidade percebe rapidamente que os ensinamentos não acontecem apenas quando o beiju está sendo preparado. Eles aparecem nas músicas, nas festas, nas construções coletivas, nas oficinas e nos encontros que reúnem crianças, jovens, adultos e pessoas idosas.

Em Areia Branca, aprender também significa participar da vida da comunidade.

Uma das manifestações culturais mais conhecidas é o Reisado do Boi Estrela e Sariguê.

Durante o Reisado, as ruas se enchem de música, dança, instrumentos, personagens tradicionais e muitas histórias. O cortejo visita diferentes casas da comunidade, levando alegria, cantorias e fortalecendo antigos laços de amizade.

Quem participa não aprende sentado em uma sala de aula. Aprende caminhando junto, cantando, observando os mais experientes e vivendo cada momento da celebração.

As crianças acompanham os adultos, aprendem as músicas, conhecem os personagens e descobrem que cada gesto possui um significado construído ao longo de muitas gerações.

Uma tradição muito importante acontece quando o grupo chega às casas visitadas.

Os moradores recebem todos com muito carinho. Decoram a entrada das casas, oferecem água, comida, frutas, petiscos e outras refeições preparadas especialmente para aquele momento.

Esse acolhimento vai muito além da alimentação.

Ao dividir a comida, a comunidade também compartilha amizade, respeito, solidariedade e pertencimento.

No Reisado, ninguém celebra sozinho.

Todos ajudam para que a festa continue viva.



Figura 10 - Reisado do Boi Estrela e Sariguê – Fonte: Acervo do Grupo Cultural Beijuzeiras de Areia Branca (2025)

Ao longo do percurso, alimentos como peixe frito, galinha, miúdos de boi, petiscos e a tradicional cachaça de folha ajudam a alimentar quem passa horas cantando, tocando instrumentos e acompanhando o cortejo.

No encerramento acontece um momento muito esperado: o Cozinhado do Boi Estrela.

O ciclo festivo culmina no chamado "Cozinhado do Boi Estrela", momento de confraternização coletiva em que alimentos, histórias e experiências são compartilhados

beijuzeiras.indd 35 19/07/2026 23:26



Figura 11 - Chamada para o Documentário "Resgatando a Tradição da Taipa" - Fonte: Acervo do Grupo Cultural Beijuzeiras de Areia Branca (2024)

entre moradores e visitantes. Minha participação nesse contexto permitiu compreender que o alimento ocupa dimensão que ultrapassa a nutrição material: ele constitui linguagem de acolhimento, memória e pertencimento. Comer junto, cozinhar junto e celebrar junto aparecem como formas de fortalecimento dos vínculos sociais e de reafirmação da identidade coletiva.

Mais do que simples práticas alimentares, tais gestos evidenciam formas de solidariedade e reciprocidade social que possibilitam a continuidade da manifestação cultural. O compartilhamento da comida e da bebida reafirma vínculos comunitários, atualiza memórias coletivas e contribui para a transmissão intergeracional da tradição. Mais do que manifestação festiva, trata-se de prática de resistência cultural, profundamente vinculada às matrizes afroindígenas presentes na constituição histórica de Areia Branca.

Essas práticas ajudam a preservar a memória da comunidade e fortalecem a identidade cultural de Areia Branca.

A taipa também é uma prática importante. As construções feitas com barro e madeira acontecem em mutirão, com trabalho coletivo e troca de conhecimentos. Enquanto trabalham, as pessoas conversam, ensinam técnicas tradicionais e fortalecem os laços comunitários.

A Aldeia Casa da Fonte é um espaço de cultura e aprendizado. Lá acontecem oficinas, rodas de conversa, ensaios de samba e outras atividades culturais. Crianças, jovens e adultos aprendem sobre música, ancestralidade, artesanato e tradições populares.



Figura 12 - Chamada para o Documentário "Resgatando a Tradição da Taipa" - Fonte: Acervo do Grupo Cultural Beijuzeiras de Areia Branca (2024)

O Projeto Imersão aproxima estudantes e visitantes da comunidade, permitindo que conheçam as práticas culturais das beijuzeiras por meio da convivência e da participação nas atividades locais. "As atividades de reforço escolar, leitura e teatro de bonecos vêm se entrelaçando de forma orgânica, estimulando não só o aprendizado formal, mas também a imaginação, a expressão e a confiança das crianças e jovens. Cada encontro tem revelado novos caminhos, onde o aprendizado acontece de forma sensível, respeitando o tempo e a vivência de cada participante", diz uma postagem no instagram das beijuzeiras.

Essas experiências mostram que a educação também acontece fora da escola, por meio da cultura, do trabalho coletivo, da oralidade e da convivência comunitária.

VAMOS CONVERSAR?

Depois de conhecer essas experiências, pense um pouco sobre elas.

O que mais chamou sua atenção no Reisado do Boi Estrela e Sariguê?

Por que compartilhar uma refeição pode fortalecer os vínculos entre as pessoas?

beijuzeiras.indd 36 19/07/2026 23:26

O que os mutirões de taipa ensinam sobre trabalho coletivo?

Como a Aldeia Casa da Fonte ajuda a preservar a cultura da comunidade?

Você conhece alguma festa, tradição ou espaço cultural parecido na sua comunidade?

VOCÊ SABIA?

Em muitas comunidades brasileiras, festas populares, mutirões e celebrações tradicionais também funcionam como espaços de aprendizagem.

Nesses encontros, crianças, jovens e adultos aprendem observando, participando e convivendo com pessoas mais experientes.

Por isso, a cultura popular também é considerada uma importante forma de educação.

PALAVRAS QUE FAZEM PARTE DESTA HISTÓRIA

Reisado

Manifestação da cultura popular que reúne música, dança, personagens tradicionais e participação da comunidade.

Mutirão

Trabalho realizado coletivamente para alcançar um objetivo comum.

Taipa

Técnica tradicional de construção utilizando madeira, barro e outros materiais da natureza.

Educação comunitária

Aprendizagem construída na convivência, na participação e nas experiências vividas pela comunidade.

Patrimônio cultural

Conjunto de saberes, tradições, festas, músicas e costumes que ajudam a contar a história de um povo.

UM CONVITE PARA VIVER A CULTURA

Toda comunidade possui festas, celebrações ou tradições que ajudam a preservar sua história.

Que tal descobrir uma delas?

Converse com familiares, vizinhos ou pessoas mais velhas sobre alguma manifestação cultura da sua comunidade.

Procure descobrir:

Como essa tradição começou?

Quem participa?

O que ela ensina?

Por que continua sendo importante hoje?

Depois, registre essa experiência da maneira que preferir: escrevendo um relato, fazendo desenhos, gravando um áudio, produzindo fotografias ou compartilhando a história com a turma.

Assim, você também ajudará a preservar a memória da sua comunidade.



beijuzeiras.indd 37 19/07/2026 23:26



ESCOLA E A MEMÓRIA LOCAL: A ESCOLA TAMBÉM APRENDE COM A COMUNIDADE

Depois de conhecer o trabalho das beijuzeiras, as casas de farinha, o samba, o Reisado, a taipa e a Aldeia Casa da Fonte, talvez você tenha percebido uma coisa importante.

Muitos dos conhecimentos presentes em Areia Branca não nasceram dentro da escola.

Eles foram construídos no trabalho, nas festas, nas conversas, nas músicas, nas receitas, nas histórias contadas pelas pessoas mais velhas e na convivência entre diferentes gerações.

Mas será que esses conhecimentos também podem fazer parte da escola?

A resposta é sim.

Cada vez mais, escolas de todo o Brasil vêm descobrindo que aprender também significa conhecer a história do lugar onde vivemos.

Quando estudantes pesquisam a memória da comunidade, entrevistam moradores antigos, participam de oficinas culturais ou visitam espaços como a Aldeia Casa da Fonte, passam a compreender que o território onde vivem também produz conhecimento.

A escola deixa de olhar apenas para os livros e passa a olhar também para as pessoas.

É assim que o aprendizado ganha novos sentidos.

Durante muito tempo, muitas histórias das populações negras, indígenas e das comunidades populares quase não apareceram nos livros escolares.

Enquanto alguns personagens eram lembrados, outros permaneciam invisíveis.

Por isso, muitas pessoas cresceram sem conhecer a importância das mulheres que produziram alimentos, preservaram tradições,

beijuzeiras.indd 38 19/07/2026 23:26

criaram famílias e ajudaram a construir a história de seus territórios.

Conhecer essas histórias é uma forma de combater esse esquecimento.

É também uma maneira de reconhecer que diferentes povos contribuíram para construir o Brasil.

Foi pensando nisso que surgiu a ideia da educação antirracista.

Ela nos convida a conhecer, respeitar e valorizar as culturas negras, indígenas e de outros povos que, durante muito tempo, tiveram suas histórias pouco reconhecidas.

Educação antirracista não significa estudar apenas o racismo.

Significa aprender a reconhecer a riqueza das diferentes culturas, combater os preconceitos e compreender que todos os povos produzem conhecimentos importantes.

Quando estudamos a história das Beijuzeiras de Areia Branca, estamos fazendo exatamente isso.

Estamos valorizando mulheres negras que transformaram trabalho em cultura, memória, educação e resistência.

As beijuzeiras ensinam muito mais do que receitas.

Elas mostram como o trabalho pode produzir solidariedade.

Como a oralidade preserva lembranças.

Como o samba fortalece a identidade.

Como a cultura ajuda uma comunidade a permanecer viva.

Esses conhecimentos também merecem fazer parte das aulas.

Quando a escola convida uma mestra da comunidade para conversar com os(as) estudantes, organiza oficinas do beiju, realiza visitas à Aldeia Casa da Fonte ou desenvolve pesquisas sobre a história local, ela aproxima diferentes formas de aprender.

Os conhecimentos científicos continuam importantes.

Mas passam a dialogar com os saberes produzidos pela própria comunidade.

Todos aprendem juntos.

Conhecer a memória local também fortalece o sentimento de pertencimento.

Quando entendemos a história do lugar onde vivemos, percebemos que fazemos parte dela.

Descobrimos que nossas famílias, nossos vizinhos e nossa comunidade possuem conhecimentos que merecem ser preservados.

Cada fotografia antiga.

Cada receita.

Cada cantiga.

Cada roda de samba.

Cada casa de farinha.

Cada história contada pelos mais velhos ajuda a construir a memória coletiva de Areia Branca.

Por isso, preservar essas lembranças também é uma forma de cuidar da comunidade.

Ao longo desta unidade, descobrimos que aprender não acontece apenas na escola.

Aprendemos no trabalho.

Na cultura.

Na convivência.

Nas festas.

Nas histórias.

Nas músicas.

Mas também descobrimos outra coisa muito importante.

A escola pode ser um lugar onde todas essas experiências são valorizadas.

Quando escola e comunidade caminham juntas, o conhecimento se torna mais próximo da vida das pessoas.

E aprender passa a significar também conhecer quem somos, de onde viemos e por que nossa história merece ser lembrada.

VAMOS CONVERSAR?

Depois de conhecer a história das Beijuzeiras de Areia Branca, reflita sobre algumas questões.

O que você aprendeu sobre a comunidade que não conhecia antes?

Por que é importante estudar a história do lugar onde vivemos?

Como a escola pode aprender com as pessoas da comunidade?

beijuzeiras.indd 39 19/07/2026 23:26

Você conhece alguém que poderia compartilhar seus conhecimentos na sua escola?

O que significa valorizar diferentes formas de produzir conhecimento?

VOCÊ SABIA?

A legislação brasileira determina que as escolas estudem a história e as culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas.

Esses conhecimentos ajudam estudantes a compreender melhor a diversidade do país e a combater o preconceito, valorizando diferentes formas de viver, aprender e produzir cultura.

PALAVRAS QUE FAZEM PARTE DESTA HISTÓRIA

Educação antirracista

Uma educação que reconhece, respeita e valoriza as histórias, os conhecimentos e as culturas dos povos negros, indígenas e de outros grupos que ajudaram a construir o Brasil.

Território

Mais do que um lugar no mapa, é o espaço onde uma comunidade constrói sua história, sua cultura e suas relações.

Memória coletiva

Conjunto de lembranças, histórias e experiências compartilhadas pelas pessoas de uma comunidade.

Saberes populares

Conhecimentos construídos na vida cotidiana, no trabalho, na cultura, na oralidade e na convivência entre as pessoas.

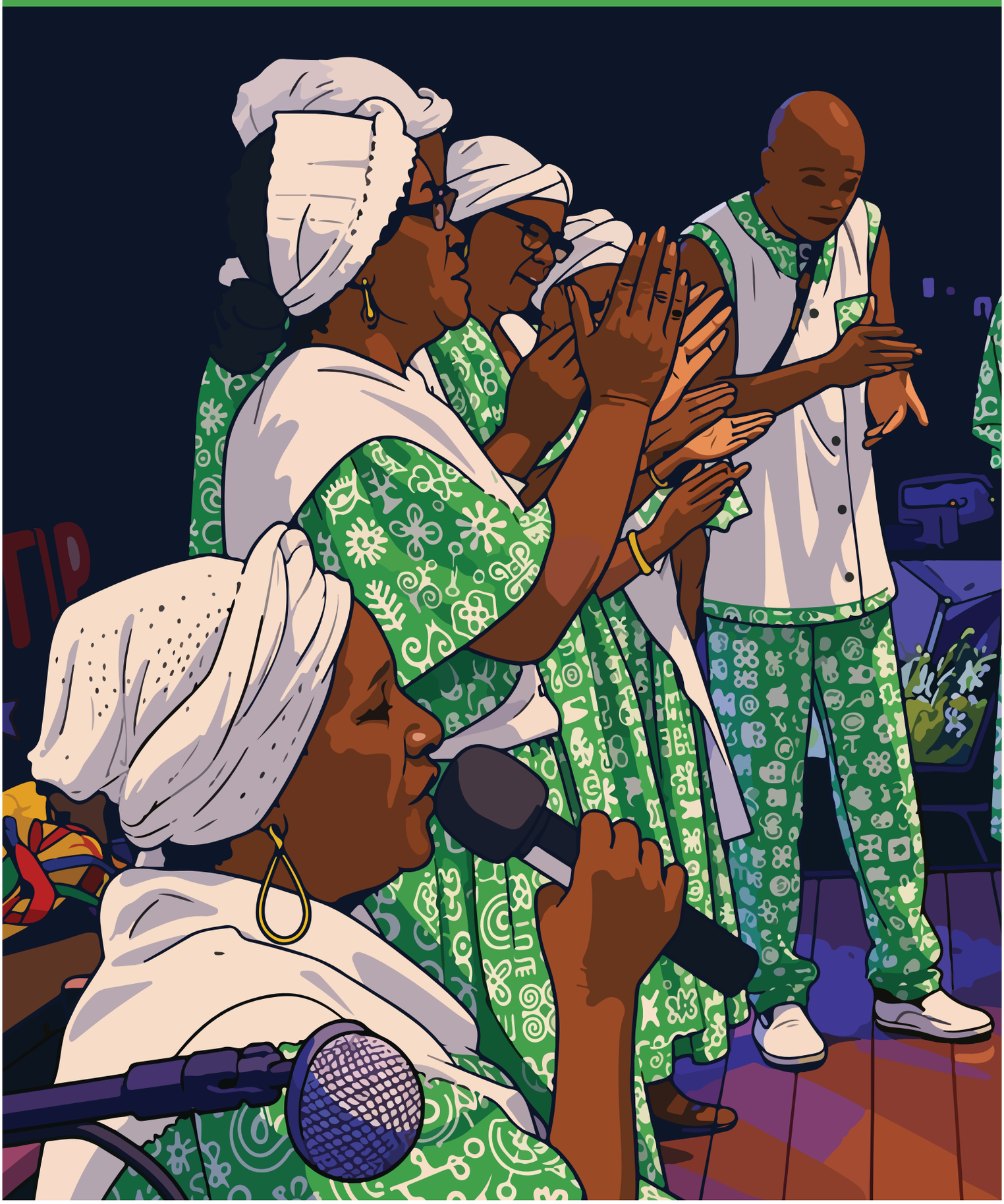
Pertencimento

Sentimento de fazer parte de uma comunidade e reconhecer sua importância para a própria história.





UM CONVITE PARA DESCOBRIR A HISTÓRIA DO SEU LUGAR



Toda comunidade possui pessoas, lugares e histórias que ajudam a explicar quem somos.

Que tal investigar a história da sua?

Converse com familiares, vizinhos ou moradores antigos e procure descobrir como era a vida no bairro ou na comunidade onde você vive.

Você pode perguntar:

Quais eram as principais formas de trabalho?

Quais festas reuniam as pessoas?

Quem são as pessoas mais lembradas pela comunidade?

Que mudanças aconteceram ao longo do tempo?

Quais tradições continuam vivas até hoje?

Depois, escolha uma maneira de compartilhar essa pesquisa.

Você pode produzir um mural, gravar um podcast, montar uma exposição de fotografias, escrever um pequeno livro de memórias, elaborar um mapa afetivo da comunidade ou apresentar suas descobertas para a turma.

Ao conhecer a história do lugar onde vivemos, percebemos que cada comunidade produz conhecimentos importantes.

E quando essas histórias chegam à escola, todos aprendem um pouco mais sobre o mundo — e sobre si mesmos.

UM DESAFIO PARA A TURMA

Depois de conhecer as histórias das Beijuzeiras de Areia Branca, que tal descobrir as memórias da sua própria comunidade?

Cada bairro, vila, cidade ou povoado guarda pessoas que conhecem histórias importantes. São moradores antigos, artesãos, sambadores, rezadeiras, pescadores, agricultores, cozinheiras, mestres e mestras da cultura popular.

Essas pessoas carregam lembranças que ajudam a contar a história do lugar onde vivem.

Que tal conhecê-las?

Conversem com o(a) professor(a) e organizem uma pequena investigação sobre a memória da comunidade.

Vocês podem:

entrevistar moradores mais antigos;

registrar cantigas, receitas e histórias;

fotografar lugares importantes;

conhecer festas populares;

visitar espaços culturais;

conversar com artistas e pessoas que preservam tradições da comunidade.

Durante essa experiência, procurem observar não apenas o que as pessoas fazem, mas também o que elas ensinam.

Muitas vezes, um simples relato guarda conhecimentos que não aparecem nos livros.

O QUE VOCÊS PODEM CONSTRUIR JUNTOS?

Depois da pesquisa, a turma poderá escolher como compartilhar tudo o que descobriu.

Algumas ideias são:

organizar uma exposição de fotografias;

produzir um mural de memórias;

gravar um podcast;

montar uma roda de conversa;

criar um pequeno documentário;

escrever um livro coletivo;

realizar uma apresentação cultural para a comunidade.

O mais importante é que as histórias continuem circulando e possam ser conhecidas por outras pessoas.



beijuzeiras.indd 43 19/07/2026 23:26

CHEGAMOS AO PONTO FINAL? NÃO, APENAS UMA VÍRGULA

Ao longo destas páginas, você descobriu que o trabalho das beijuzeiras vai muito além da produção do beiju. Conheceu mulheres que transformaram trabalho em cultura.

Aprendeu que as casas de farinha também eram espaços de aprendizagem.

Percebeu que o samba, as cantigas e a oralidade preservam a memória da comunidade.

Descobriu que o Reisado, os mutirões de taipa e a Aldeia Casa da Fonte continuam ensinando diferentes gerações. Também refletiu sobre a importância de uma escola que reconhece os saberes produzidos pela comunidade.

Agora, talvez você também tenha percebido algo muito importante.

Toda comunidade possui conhecimentos que merecem ser conhecidos, valorizados e preservados.Esses saberes fazem parte da nossa história.

E cuidar dessa memória também é uma forma de cuidar das pessoas.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, José Gonçalves de. O trabalho como princípio educativo: as Beijuzeiras de Areia Branca, Lauro de Freitas/BA – vivência e resistências. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) — Instituto Federal da Bahia, Salvador, 2026. (Em desenvolvimento).

BRASIL. (2003). Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.. Disponivel em

BRASIL. (2008). Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Diário oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.. Disponivel em www.planalto.gov.br//ccivil_03/lato2008/2010-2007/lei/11645..htm. Acesso em 05 de abril de 2025.

LAURO DE FREITAS. Lei nº 1.815, de 8 de novembro de 2019. Declara como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Lauro de Freitas as beijuzeiras de Areia Branca. Diário Oficial do Município de Lauro de Freitas, Lauro de Freitas, BA, ano VII, n. 13 ,1551 nov. 2019.

MELO, Gildete. Memórias de Areia Branca do Sotero. In: Cardoso,T.S.; Freitas, G. (Orgs.). De Ipitanga a Lauro de Freitas: narrativas históricas do povo ipitanguense. Lauro de Freitas: Libre, 2019.
www.planalto.gov.br//ccivil_03/leis/10639/2003.htm. Acesso em 05 de abril de 2025.

Tainá Moraes
tainamoraes@gmail.com
projeto gráfico e ilustrações

beijuzeiras.indd 45 19/07/2026 23:26


BEIJUZEIRAS
DE AREIA BRANCA

Apoio:

GÁVEA CULTURAL

Colégio SOLE TRANDO


BEIJUZEIRAS
DE
AREIA BRANCA
KEITT



beijuzeiras.indd 50 19/07/2026 23:26